
A ação política contra o feminismo: uma análise a partir do Movimento Brasil Livre (MBL) ¹

Isabelle Azevedo FERREIRA²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

As Jornadas de junho de 2013 são o ponto de inflexão para uma nova fase de mobilizações sociais na história do Brasil. Vivemos, sobretudo, um momento ambíguo com a reorganização das organizações de direita e de extrema-direita que se aliam a um recrudescimento do conservadorismo, ao passo que presenciamos também a ascensão e o fortalecimento da luta do feminismo com uma pluralidade de coletivos e de movimentos atuando nas ruas, nas redes e nos roçados. O objetivo deste artigo é investigar as estratégias dos ativistas de direita sobre o feminismo na rede social Facebook. Para tanto, elegemos fazer uma análise da página do Movimento Brasil Livre (MBL). Para investigar as estratégias discursivas, utilizamos o aplicativo Netvizz, uma ferramenta gratuita, para coletar os dados da página do Movimento Brasil Livre.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo; Direita; Conservadorismo; Feminismo; Redes Sociais.

UMA AMBIGUIDADE NA CONJUNTURA

As Jornadas de junho de 2013 são apontadas como um ponto de transformação para uma nova fase de mobilizações sociais na história do Brasil. Essas manifestações colocaram em evidência a existência de um “mal-estar democrático”. A aparente inércia social se transformou rapidamente numa explosão de mobilizações que levou milhares de pessoas às ruas, em diversas cidades do país, colocando em pauta reivindicações difusas sobre as condições de transporte, saúde, educação, moradia e a política em geral.

O fato abriu precedente para o surgimento e a organização de diversos tipos de grupos sociais, das mais variadas vinculações ideológicas. André Singer (2013) afirma que conseguimos observar melhor os extremos dos grupos que se formaram: “Apareceu de imediato o viés progressista das manifestações (...). Surgiu também com clareza a

1 Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-RN)

vertente à direita, que pretendeu desencadear uma pressão regressiva em relação ao campo popular que está no governo com o lulismo desde 2003” (p.32).

Vivemos, sobretudo, um momento ambíguo com a reorganização das organizações de direita e de extrema-direita³ que se aliam a um recrudescimento do conservadorismo quanto aos valores e aos costumes, com a incorporação de expressões do racismo, do colonialismo, do nacionalismo, do patriarcado, aproximando-se ainda do ideário nazista e fascista. Por outro lado, presenciamos também a ascensão e o fortalecimento da luta do feminismo com uma pluralidade de coletivos e de movimentos atuando nas ruas, nas redes e nos roçados.

Esses atores se cruzam no momento em que as forças conservadoras elegem as mulheres, sobretudo as feministas, como grandes inimigas, buscando tentativas de regulação dos corpos e das vidas das mulheres. O exemplo disso são as propostas reacionárias como o Estatuto da Família, o Estatuto do Nascituro, as tentativas de acabar com a profilaxia da gravidez em casos de estupro, a cruzada contra a “ideologia de gênero” nas escolas.

Desde suas origens o feminismo enfrenta permanentemente as forças conservadoras que impõem modelos capitalistas, racistas e patriarcais de corpo, sexualidade, comportamento, organização do trabalho e da família (FARIAS et al, 2016). A diferença é que o novo período consiste na aliança dessas forças com o neoliberalismo. O resultado é uma ampliação dos ataques do capital em todas as condições de vida da população, alimentado pelas elites que detêm o poder político, econômico, midiático, religioso (FARIAS et al, 2016).

Diante do cenário desenhado, o objetivo deste artigo é investigar as estratégias dos ativistas de direita sobre o feminismo na rede social Facebook. Para tanto, elegemos fazer uma análise da página do Movimento Brasil Livre (MBL). De forma específica, queremos compreender como é construída a ação política da direita conservadora acerca do movimento feminista. Para tanto, selecionamos por meio do aplicativo Netvizz, postagens sobre o tema.

O MBL nasceu logo após as mobilizações de junho de 2013, como uma marca criada pelo grupo Estudantes pela Liberdade (Students for liberty, no inglês) para que os associados à organização estadunidense pudessem participar das manifestações naquele

³ Sobre essa questão, Solano (2018) afirma que há uma variedade de conceitos (Direitas, novas direitas, onda conservadora, fascismo, reacionarismo) para o que ela aponta como um fenômeno encontrado nos cenários nacional e internacional de hoje: a reação neoconservadora.

ano, uma vez que a entidade estrangeira não permitia que seus membros pudessem desenvolver atividades políticas.

Organizado em sua maioria por jovens, o grupo MBL está presente em diversos estados do país e possuem forte atuação nas redes sociais. Para eles o debate político atual é pobre e superficial, sobretudo o debate empregado por sindicalistas e “lideranças de vermelho” cuja luta está relacionada com a política tradicional. “É, portanto, o terreno perfeito para que os novos ativistas políticos do século XXI possam expor suas ideias e conceitos, bem como propor novas soluções liberalizantes para os velhos problemas que assolam suas respectivas comunidades” (MBL, 2015, p.10).

Embora em seu programa ideológico o MBL se proponha a promover o liberalismo como filosofia política (MBL, 2015), há uma estreita relação do grupo com o conservadorismo que se manifesta em episódios como a defesa de uma Escola sem partido e contra a chamada ideologia de gênero. O episódio conservador mais recente, ligado ao MBL, vem do vereador paulista e expressiva liderança do movimento Fernando Holiday (DEM/MBL) que propôs um projeto de lei que prevê internação psiquiátrica de gestantes que “indiquem propensão ao abortamento ilegal”.

Redes sociais e mobilização política

As transformações tecnológicas no campo da comunicação têm provocado efeitos diversos na organização da sociedade, nos seus modos de produção, reprodução/circulação e consumo da informação, dos símbolos e imagens, bem como mudança nos aspectos políticos e sociais.

Superada a fase de consolidação de uma indústria do entretenimento que tornou consistente a televisão como o aparato tecnológico capaz de comunicar para bilhões e estabeleceu a informação como negócio, dando vazão ao surgimento de consumidores de informação e anunciantes, estamos diante de uma investida tecnológica em que a Internet, em especial as redes sociais, tem sido protagonista de novas mudanças no que diz respeito às mediações da comunicação, em especial da comunicação política.

Se você é um político e não aparece na TV, você não existe. Mas isso é notícia velha. A notícia nova é esta: se você não está disponível nas redes sociais, não está em lugar algum. O mundo da tecnologia não lhe perdoará essa traição. Recusando-se a se juntar ao Facebook, você perde amigos (...). (BAUMAN; DONSKIS, 2014,p.8).

Martín-Barbero (2006) relata a existência de transformações ocorridas com as identidades e tecnicidades, no ambiente informacional difuso e descentrado que proporciona a mediação por computador.⁴ O autor nos lembra que essa mediação tecnológica deixa de ser meramente instrumental, passando a ser estrutural: “(...) A tecnologia remete hoje, não a alguns aparelhos, mas sim, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas.” (MARTÍN-BARBERO, 2006: 54).

Para ele, essa mudança estrutural tem tido impactos diretamente na produção social do conhecimento, no meio educacional, nas relações de trabalho, na constituição das identidades, nas configurações da cidadania e do espaço público e, sobretudo tem afetado as percepções coletivas sobre o tempo.

Podemos dizer que essa mudança tecnológica também tem efeitos nas formas de organização e atuação dos movimentos sociais, uma vez que estes dispositivos se colocam para regular as práticas comunicacionais destes. Conquistar adeptos a causa passa não apenas por se identificar com os discursos e a ideologia, mas por curtir, compartilhar e exercer comentários nas redes sociais, buscando a visibilidade, a manutenção de agendas e disputas de narrativas.

Não podemos deixar de observar que existe um processo de disputa de hegemonia que atravessam e condicionam a produção simbólica nos meios de comunicação (MORAES, 2010). A hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da direção cultural e político-ideológica de uma classe sobre as outras (GRAMSCI, 2000). Não como imposição a partir do exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemoniza, se reconhecendo também como representantes das classes subalternas. “Ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade (...)” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 104)

Toda essa interação nas redes passa a ser um ato político. Não que a esfera “analógica”, uma referência às ruas, tenha perdido o sentido, mas as redes, muitas vezes, é o espaço onde os processos se iniciam, para então dar lugar, posteriormente, a concretude dos protestos, de organizar caminhadas, acampamentos.

Nesse sentido, Neris e Valente (2017) afirmam que as relações dentro e fora da rede são co-constituídas, ou seja, a vida offline tem efeitos sobre o online e vice-versa.

⁴Acrescentamos os demais meios eletrônicos como os tablets e smartphones.

“A *online* reflete, principalmente com o uso cada vez maior de imagens (em vez de só de texto), as relações *offline*, mas também a dinâmica das relações na Internet, cada vez mais se tem percebido, expande-se para muito além dela” (p. 6).

A direita conservadora na rede

Silveira (2015) aponta que a direita está presente ativamente nas redes sociais. O autor identifica páginas de destaque, mas que não necessariamente se configuram como grupos organizados. São páginas como o Folha Política, TV Revolta, Movimento Contra a Corrupção, FORA PT, Olavo de Carvalho, OCC - Organização de Combate à Corrupção, Partido Novo entre outros. Malini (*apud* VIANA, 2015) registra que, entre 2014 e 2015, contabilizou cerca de 411 páginas de direita no Facebook. Em junho de 2015, as páginas com mais seguidores eram a do comediante opositor Danilo Gentili (10,9 milhões), seguida pela TV Revolta (3,5 milhões) e por Felipe Neto, também celebridade no YouTube (2,6 milhões).

Segundo Silveira (2015), o momento político possibilitou também que páginas de antigos políticos conservadores conseguissem crescer nas redes de opinião da direita, a exemplo de Jair Bolsonaro, deputado federal por seis mandatos e atual presidente do Brasil. “O novo conservadorismo se articula com diversas lideranças religiosas quando se trata de temas, tais como orientação sexual, política de gênero, educação, concepção de família, política criminal, controle da internet, entre outros debates que envolvem valores” (SILVEIRA, 2015, p. 229).

Multiplicaram-se fóruns na internet, blogs, canais e páginas no Facebook, de uma direita que se mostra contra as conquistas sociais promovidas pelos governos progressistas nos últimos anos, sentimentos de ódio contra negros, pobres, mulheres, homossexuais e lésbicas. O conteúdo cresceu principalmente no Facebook. Lançado em fevereiro de 2004, o Facebook atingiu a marca de um bilhão de usuários em 2012, sendo considerada a maior rede social do mundo. Por isso, é utilizada frequentemente como plataforma de mobilização. Seu funcionamento é feito com base em expressões matemáticas (algoritmos) que levam os indivíduos a se aproximarem e a interagirem por afinidades, gostos e desejos.

No Brasil, as redes da direita verbalizam um sentimento “antipetista” que singulariza na figura do PT uma extensa gama de insatisfações e ressentimentos com o

sistema político nacional e internacional (SANTOS JUNIOR, 2016). Esse antipetismo atuante nas mídias sociais pode ser compreendido por meio de uma chave de leitura multidimensional que articula três categorias: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment (SANTOS JUNIOR, 2016).

Importante considerar ainda que o conteúdo nazista também cresce e se difunde pela rede. Só no Brasil, entre 2007 e 2009, foram mais de 150 mil downloads de arquivos de teor nazista, superiores a 100 megabites cada. “De 2009 para cá, o índice de arquivos baixados com estas características têm crescido a uma taxa média de 6% ao ano. Nos fóruns a participação de latinos cresce 8% mais que a população, em média” (DIAS, 2016).

A onda feminista

Em contrapartida ao ascenso da direita e do conservadorismo, observamos o crescimento de expressões feministas no Brasil e na América Latina, em geral, traduzidas em grandes mobilizações, marchas e protestos.

O marco inicial é o ano de 2015 com a Marcha das Margaridas, quando cerca de cem mil mulheres pediram a renúncia de Eduardo Cunha da presidência da Câmara dos Deputados. Observamos a intensa agenda da Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), em 2015, que, de norte a sul do país, passando pelas fronteiras de Argentina e Paraguai, denunciou a escalada do conservadorismo frente aos corpos e territórios. Citamos a “Primavera Feminista”, uma eclosão de mobilizações contra, sobretudo, projetos de lei que impediam as vítimas de estupro de receberem os primeiros procedimento para evitar a gravidez. Sob a intervenção de “Pílula fica, Cunha sai”, os protestos se espalharam por diversas cidades do país. E por fim, a Marcha das Mulheres Negras, que ganhou as ruas de Brasília em novembro/2015.

Nos anos seguintes, as mulheres seguiram mobilizadas, tanto nas datas do calendário feminista, a exemplo do 8 de março (Dia Internacional de Luta das Mulheres), quanto nas mobilizações em defesa da democracia. Por fim, lembramos a intensa mobilização de mulheres em repúdio ao então candidato a presidente Jair Bolsonaro, durante as eleições presidenciais de 2019. Sob a alcunha de “#EleNão”, a manifestação tomou mais de 144 cidades do Brasil e em outras cidades do mundo, passando a ser considerada a maior manifestação de mulheres da história (BBC, 2019).

Na América Latina, acompanhamos de perto as mobilizações do “Ni una menos”, na Argentina, por todo o ano de 2015, quando várias mulheres protestaram contra a violência de gênero, inspirando diversos movimentos na região, como a agenda de greves feministas na Argentina, Uruguai e Paraguai, alusivas ao 8 de março, nos anos de 2016 a 2018. Recordamos ainda uma massiva mobilização pela legalização do aborto na Argentina, em 2018. Os “pañuelos verdes” inspiraram mobilizações no Chile, Brasil e Venezuela.

No Brasil, essa complexa formação política que é o feminismo atual – composto por uma pluralidade de mulheres – continua se movendo e se remodelando em interação dinâmica com as Jornadas de Junho de 2013 (ALVAREZ, 2014). Ampliam as características da quarta onda do movimento feminista no Brasil que aponta para uma difusão do feminismo operadas a partir de distintas correntes horizontais de feminismos, e se caracteriza, dentre outras, pela radicalização da luta anticapitalista e pela articulação do feminismo no contexto do sul global (MATOS, 2010).

Mas a principal característica dessa nova fase do feminismo é a atuação nos meios de comunicação digitais, a partir de um ativismo digital, nomeado de ciberativismo ou ainda de ciberfeminismo (PEREZ e RICOLDI, 2018). Ao mesmo tempo em que estão nas ruas, as mulheres disputam as redes fazendo uso de marcadores como as *hashtag* #primeiroassedio, #meuamigosecreto e #mulherescontracunha, #PilulaFicaCunhaSai, #EleNão. Esses registros denunciam o machismo e o patriarcado, a luta feminista, bem como a conjuntura política em geral.

Nesse sentido, Miguel e Boix (2013) apontam que a internet se converteu em um elemento essencial para difundir informação, trocar opiniões, coordenar estratégias e realizar ações com a intenção de construir um mundo mais justo e igual. “E o feminismo, que tem muito com que contribuir neste terreno, já é consciente disso” (p. 40).

Diante deste cenário, o boom global da quarta onda do feminismo representou uma ameaça constante ao projeto neoliberal e ao conservadorismo, resultando em um movimento extremamente reativo que surgiu em oposição a um certo progressismo para as questões de gênero (VÁZQUEZ, 2019). Esse movimento é alimentado por discursos de ódio, comportamentos violentos, escalada da violência contra as mulheres com expressões que se aproximam cada vez mais da crueldade. Tais discursos encontraram

também na internet um terreno fértil de propagação e difusão de ideias conservadoras, como veremos mais adiante.

O MBL e ação conservadora sobre o feminismo

Para investigar as estratégias discursivas dos ativistas de direita sobre o feminismo na rede social Facebook, utilizamos o aplicativo Netvizz, uma ferramenta gratuita, para coletar os dados da página do Movimento Brasil Livre. Esse aplicativo permite coletar diversas informações sobre as postagens das páginas como comentários, curtidas e reações, mesmo que você não seja um administrador daquela página. Em 2019, as restrições aos dados dos usuários, tem impedido o aplicativo de fazer coletas mais aprofundadas. Entretanto, ainda é uma ferramenta interessante para coleta e análise dos dados, embora tenha diminuído o alcance das pesquisas.

Utilizamos para este trabalho o módulo do aplicativo intitulado de *page timeline images*. Ele nos dá como resultado o levantamento das imagens da linha do tempo da página. A busca nos gerou um resultado de cerca de dez mil fotos que foram publicadas entre os anos de 2016 e 2019. O nosso interesse aqui é a dinâmica de circulação de mensagens realizada pelas fan-pages, por isso, não vamos nos deter na análise dos comentários e nem das reações.

O material foi disponibilizado em uma planilha do LibreOffice Calc para tratamento e análise dos dados. Para isso, filtramos os títulos das postagens pelas seguintes palavras: feminismo (gerando um número de 10 postagens); feminista (16); feminino (3)⁵; mulheres (38), mulher (76); gênero (11) e Dilma (226), uma referência a ex-presidenta Dima Rousseff. Esta última palavra foi escolhida como filtro por compreender a importância histórica da personagem: primeira mulher eleita presidenta do país, golpeada pelas instituições e por toda reação conservadora e patriarcal pela qual passou. Os números expressos tornam-se aproximados porque algumas postagens são coincidentes, ou seja, trazem mais de uma palavra-chave em seu título. Há também repetições de postagens, uma vez que foram publicadas em dias e datas diferentes.

a) A credibilidade do feminismo

⁵ Interessante observar que a palavra “feminino”, que durante muito tempo foi rotulada por figuras desatentas para indicar também o movimento feminista, embora o movimento sempre questionasse tal palavra, esteve presente em apenas três publicações. Isso mostra que o MBL está atento ao sentido real dos vocábulos.

A análise do material apontou que uma das estratégias empregadas pelo MBL acerca do feminismo é a tentativa de colocar a prática feminista em contradição com aquilo que a teoria supostamente prega. Digo supostamente porque essa condição é dada a partir da interpretação que o MBL faz do feminismo. Para o movimento, ele é caracterizado como sendo um movimento composto por mulheres que fazem a defesa de outras mulheres. Com isso, as mulheres devem ser sempre defendidas e nunca questionadas, principalmente por suas iguais.

Essa condição de ser mulher é, sobretudo, biologizante, excluindo-se qualquer aceitação de uma identidade de gênero⁶. Em diversas postagens, o grupo critica a postura de mulheres trans, fazendo, inclusive uma confusão sobre identidade de gênero e aquilo que o conservadorismo convencionou chamar de ideologia de gênero. Sobre esse tema, convém lembrar que o MBL foi um dos principais grupos a levantar a bandeira da ideologia de gênero fora da base curricular nacional.

Em uma das publicações, o grupo provoca o movimento feminista: “O feminismo está falando tanto em ocupação de espaço pelas mulheres que alguns destaques ‘femininos’ ultimamente tem sido de... homens. No mínimo estranho. É isso que o feminismo quer?” (MBL, 2018)⁷.

A imagem (Figura 1) traz a fotografia de duas figuras transgêneros (mulheres trans). Uma é de uma jogadora de vôlei que esteve no meio de uma polêmica sobre ser parte da seleção brasileira desse esporte, e a segunda é uma cantora. A postagem questiona justamente sobre a condição biológica das personagens, indagando se é esse o lugar das mulheres no feminismo.

FIGURA 1

⁶ Consiste no modo como o indivíduo se identifica com o seu gênero. Em suma, representa como a pessoa se reconhece: homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros.

⁷ Recuperado em <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/841645762626235/?type=3&theater>



Fonte: MBL/ Reprodução Facebook

O tom do grupo é de sempre questionar onde está o feminismo na defesa das mulheres biológicas, independente da orientação política daquelas aos quais se reivindica a defesa. Em uma postagem, cuja imagem (Figura 2) traz um episódio em que a jornalista Miriam Leitão foi hostilizada num voo, o grupo ironiza o feminismo, afirmando que não há uma defesa das mulheres, mas de uma agenda esquerdista (sic). “O feminismo não defende as mulheres. O feminismo defende a agenda esquerdista. O ‘mexeu com uma mexeu com todas’ é seletivo” (MBL, 2017a)⁸.

FIGURA 2



Fonte: MBL/ Reprodução Facebook

⁸ Recuperado em <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/615205745270239/?type=3&theater>

Em outra postagem o grupo saúda figuras do judiciário feminino (Figura 3): “Uma lembrança a três mulheres que estão enfrentando o petismo hoje. Não tem feminismo para reconhecer o papel dessas três no Brasil hoje, mas nós reconhecemos. Parabéns, Laurita Vaz, Raquel Dodge e Carolina Lebbos!” (MBL, 2018b)⁹.

FIGURA 3



Fonte: MBL/ Reprodução Facebook

Por fim, observamos que a máxima feminista “Meu corpo, minhas regras”, que determina que as mulheres são donas de sua própria vida e podem decidir sobre o seu corpo, é extremamente questionada pelo MBL. Para isso, também se utilizam do artifício do contraditório e do apelo ao cumprimento de uma solidariedade feminista para constranger as mulheres que adotam o feminismo como ideologia.

As supostas falhas do feminismo ajudam a hegemonizar um discurso de que o movimento feminista está perdido em suas contradições, não havendo coerência com seus princípios. Nesse sentido, não merece a credibilidade de seus pares. Para um enorme setor da população que não sabe o que é o feminismo e não entende a pluralidade do movimento, esse discurso se coloca como um sério risco de ser aceito e reproduzido.

b) O debate sobre a moral

O discurso da defesa da moral e dos bons costumes é uma estratégia utilizada para constranger o movimento feminista e, de novo, cobrar coerência entre prática e

⁹ Recuperado em <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/1019435681513908/?type=3&theater>

teoria. Muitos dos atos do movimento feminista são caracterizados nas postagens do movimento como vandalismo. Como na postagem em que o movimento registra: “As feministas vândalas picharam uns muros em Porto Alegre para brincar de revolução. As pichações foram apagadas por trabalhadoras de verdade. Parabéns às trabalhadoras do Departamento Municipal de Limpeza Urbana de Porto Alegre” (MBL, 2017b)¹⁰.

Em outras postagens, o debate contrário a corrupção, que notabilizou o MBL durante os anos anteriores, também faz parte do repertório moral do grupo sobre o feminismo. Aqui se expõe a figura pública de uma vereadora do PSOL, tomando como referência a ilustração de uma matéria do site Jornal Livre ligado ao próprio grupo. A postagem traz o seguinte título: “UMA VEREADORA FEMINISTA, GALERA! Aí chega lá e gasta sozinha em 1 mês mais que o Fernando Holiday no semestre INTEIRO. Bom, mas tá defendendo as manas, né Isa Penna? ͡_(‘▽)͡_” Inspirado nos memes do Socialista de iPhone” (MBL, 2017c)¹¹.

c) As lideranças femininas

O refinamento da pesquisa para a palavra-chave “Dilma” nos levou a uma série de imagens e endereços de matérias sobre os anos em que a ex-presidenta esteve a frente da Palácio do Planalto, em seu último mandato. Destituída por um golpe jurídico-parlamentar-midiático, em 2016, Dilma teve no MBL a figura de principal liderança do golpe desde a sociedade civil.

O levantamento dos dados mostram que o MBL tinha em Dilma, e nas mulheres petistas em geral, um verdadeiro horror a tais figuras femininas, corroborando com várias teses de que o golpe foi também uma reação conservadora e patriarcal à chegada de uma mulher no comando máximo da nação. O nome da ex-presidenta aparece aqui associado sempre a ideia de incompetência e de corrupção, assim como de outras mulheres parlamentares do PT. Nesse sentido, compreendemos que a reação conservadora se apoia em tirar as mulheres dos espaços de poder e remetê-las ao espaço do privado.

10 Recuperado em <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/555127551278059/?type=3>

11 Recuperado em <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/650768685047278/?type=3&theater>>

Não podemos deixar de notar, embora a ênfase aqui seja no feminismo, que houve um projeto de aniquilamento da opinião pública sobre o PT e os partidos de esquerda. As expressões ligadas ao filtro “Dilma” giram sempre em torno do combate do MBL aos casos de corrupção petista. Nesse sentido, o sentido aqui é desacreditar toda e qualquer expressão ligada às esquerdas.

Como não há uma ideia de um debate para se chegar a um consenso, o risco é de empreender um discurso único, difícil de ser quebrado, legitimando cada vez mais as expressões do conservadorismo, sobretudo porque as páginas estão sob a influência dos algoritmos.

Conclusões Preliminares

Este trabalho investigou as estratégias da ação política dos ativistas de direita sobre o feminismo na rede social Facebook, tomando como referência para a análise a página do Movimento Brasil Livre (MBL). A investigação é uma tentativa de compreender como agem as forças conservadoras sobre o feminismo, na tentativa de construir um discurso hegemônico sobre este movimento.

Tomando como análise as postagens do grupo, percebemos que o MBL tenta construir um conceito de feminismo diferente do que o próprio movimento feminista construiu ao longo das últimas décadas. Um conceito baseado na defesa das mulheres pelas mulheres, rogando uma construção solidária, e na interpretação biológica das espécies.

Entretanto, tal construção é uma estratégia retórica para sustentar o artifício do contraditório, ou seja, o movimento se utiliza de tal conceito para desacreditar o movimento, colocando-o em contradição quanto a teoria e a prática. Trata-se de uma reação para minar as resistências e os avanços que as lutas dos povos conseguiram.

Como já pontuamos, a falta de um discernimento sobre o Feminismo é um risco iminente de uma reação conservadora muito mais severa sobre a vida das mulheres. Precisamos, portanto, estar em permanente alerta, ampliando ainda mais as disputas argumentativas nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista.

Cadernos Pagu, Campinas, n. 43, p. 13-56, 2014 .

BAUMAN, Zygmunt; DONKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na era líquida**. São Paulo: Zahar, 2014. 197 p.

DE MORAES, Dênis. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, 2010, 4.1: 54.

DIAS, Adriana. **O ódio pode levar nosso futuro?** 2016. Revista Fórum. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/07/17/o-odio-pode-levar-nosso-futuro/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

FARIA, Nalu; MORENO; Renata; VITÓRIA, Carla. **Reação patriarcal contra a vida das mulheres: debates feministas sobre conservadorismo, corpo e trabalho**. São Paulo: SOF, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. IN: MORAES, Dênis. **Sociedade Midiatizada**. Mauad, 2006.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE (2015). **Manual de instruções para filiais municipais**. São Paulo: Movimento Brasil Livre. 38 p.

_____. (2017a). **As feministas vândalas picharam uns muros em Porto Alegre para brincar de revolução. As pichações foram apagadas por trabalhadoras de verdade**.

Parabéns às trabalhadoras do Departamento Municipal de Limpeza Urbana de Porto Alegre. 10 de março de 2017. Facebook: <https://www.facebook.com/mblivre/> Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/555127551278059/?type=3>

_____. (2017b). **O feminismo não defende as mulheres. O feminismo defende a agenda esquerdista. O "mexeu com uma mexeu com todas" é seletivo**. 13 de junho de 2017. Facebook: <https://www.facebook.com/mblivre/> Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/615205745270239/?type=3&theater>

_____. (2017c). **UMA VEREADORA FEMINISTA, GALERA! Aí chega lá e gasta sozinha em 1 mês mais que o Fernando Holiday no semestre INTEIRO. Bom, mas tá defendendo as manas, né Isa Penna?**

↳(͡°)_↳ Inspirado nos memes do Socialista de iPhoneFacebook: <https://www.facebook.com/mblivre/> Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/650768685047278/?type=3&theater>

_____. (2018a). **O feminismo está falando tanto em ocupação de espaço pelas mulheres que alguns destaques "femininos" ultimamente tem sido de... homens. No mínimo estranho. É isso que o feminismo quer?** 12 de março de 2018. Facebook: <https://www.facebook.com/mblivre/> Disponível em: https://web.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/841645762626235/?type=3&theater&_rdc=1&_rdr

(2018b). Uma lembrança a três mulheres que estão enfrentando o petismo hoje. Não tem feminismo para reconhecer o papel dessas três no Brasil hoje, mas nós reconhecemos. Parabéns, Laurita Vaz, Raquel Dodge e Carolina Lebbos! 14 de julho de 2018. Facebook: <https://www.facebook.com/mblivre/> Disponível em: https://web.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/841645762626235/?type=3&theater&_rdc=1&_rdr

NERIS, Natália; VALENTE, Mariana. **Gênero, raça, classe e sexualidade nas eleições de 2016**. InternetLab: São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2017/02/relatorio_outras_vozes.pdf. Acesso em: 08 de janeiro de 2019.

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. **42º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu-MG. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos/file>

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. Vai pra Cuba!!! A Rede Antipetista na eleição de 2014. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2016. (Dissertação)

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Direita nas redes sociais online. VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. (Org.) **Direita, Volver!: o retorno da direita e o ciclo**

SINGER, André. (2013). Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos estudos-CEBRAP*, (97), 23-40.

VÁZQUEZ, Sofia. **Esperando la revolución fallida**. 2019. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/articulo/2019/3/esperando-la-revolucion-fallida/>. Acesso em: 18 mar. 2019.

VIANA, Natália. **A direita abraça a rede**. Pública. Disponível em <http://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>. Acesso em: 18.07.2016